Eixo 8: Equipe multiprofissional: rede de apoio
Relato de experiência

Psicologia bilíngue: observações psicanalíticas sobre o uso da língua por sujeitos surdos

Klean Alex Fonseca de Carvalho

INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO
Psicólogo clínico e consultor educacional em psicologia, Psicanalista, Tradutor e intérprete do Instituto Federal do Maranhão, Chefe do departamento da inclusão no IFMA, Coordenador do núcleo de atendimento a pessoas com necessidades educacionais específicas (NAPNE) do Campus São Luís Centro Histórico. Mestrando em EPT pelo programa ProfEPT. E-mail: klean.carvalho@gmail.com

Renata de Fatima Gonçalves

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO – IFSP
Doutoranda em Educação (Unicamp), sob orientação da professora Mara Regina Lemes De Sordi, graduada em Pedagogia e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Desenvolveu pesquisa com foco na alfabetização de mulheres na EJA na perspectiva da Aprendizagem Dialógica. Especialista em Educação Inclusiva e Especial e Neuropsicopedagogia pela Faculdade Dom Alberto. Atua como professora substituta do IFSP. E-mail: renata.goncalves@ifsuldeminas.edu.br

Resumo: Neste trabalho intenciona-se dialogar sobre as questões psicanalíticas mais recorrentes relacionadas à relação do Surdos com a Linguagem, qual a relação das suas interações com o mundo ouvinte e os sintomas apresentados e discutir como a psicanálise pode ser a mola propulsora de reparação e reformulação dos sintomas por meio da fala introduzindo a importância de uma psicanálise bilíngue que conheça as relações do Surdo com sua Língua, cultura e o Outro Ouvinte por meio da Libras. Além do mais essas observações podem ter muita utilidade no meio educacional tanto no campo linguístico como impacto direto no desempenho educacional do sujeito surdo.

Palavras-chave: Surdo, Libras, Psicanálise, Sintomas.

INTRODUÇÃO

A clínica psicanalítica encontra cada vez mais diversidades, desde a histeria até os sintomas comumente conhecidos hoje. Houve muitas mudanças, as pessoas mudaram, o jeito de se comunicar mudou, novas formas de gozo foram encontradas e as antigas reformuladas. Por isso, a clínica encontra-se todos os dias sendo desafiada pelas novas demandas.

A pesquisa deriva também de uma necessidade latente do psicólogo pensar como

pesquisador e o primeiro passo para isso é ser cético (SHAUGHNESSY, ZECHMEISTER; e ZECHMEISTER, 2012). Por isso acreditar que o surdo deve ir ao psicólogo acompanhado de um intérprete, deve ser questionado, problematizado e encarado com ceticismo. Será que é possível uma transferência psicanalítica acontecer com 2 pessoas de referência ali no momento da análise? O que um psicólogo deve saber sobre o surdo usuário nativo da língua de sinais antes de atendê-lo? Como deve ser a formação do psicólogo bilíngue?

Um outro motivo que contribuiu para que o pesquisador fizesse essas observações é a necessidade de publicações da psicologia referentes às peculiaridades da surdez, isso se deve a necessidade do pesquisador que faz atendimentos encontrar literaturas referentes aos seus casos clínicos, e que os achados ainda são muito incipientes, perto de uma infinidade de elementos a serem considerados em um atendimento ao surdo, pode-se citar a deficiência, as peculiaridades da surdez como deficiência e como identidade política.

Este estudo objetivou construir parâmetros para o melhor atendimento do sujeito surdo na clínica pelos pressupostos da inclusão e pelas observações feitas pela experiência do psicólogo bilíngue na condução de diversos atendimentos ao sujeito surdo, mapear os elementos culturais e de identidades do sujeito surdo que ajudem os psicólogos a fazer atendimentos e avaliações clínicas e institucionais mais inclusivas.

Chizzotti (2006) explica que a pesquisa em ciências socais surge a partir da experiência de um ser humano frente a uma realidade, daí então ele começa a postular segundo os parâmetros que ele conhece, então querendo ou não, toda teoria ou hipótese está ideologicamente fundamentada em nossos conhecimentos prévios de determinadas teorias, os pressupostos epistemológicos. Desta forma, este trabalho se deu primeiramente através de um tipo de revisão bibliográfica, como chama Alvarenga (2012) revisão bibliográfica preliminar, onde foram consultados autores clássicos da Linguística como Saussure, Jakobson, autores referentes ao tema do estudo psicanalítico como Lacan, Freud e autores da linguística aplicada da língua de sinais como Quadros e Ferreira-brito, como apoio ao que já foi produzido deste tema.

Usa-se neste trabalho uma abordagem mais descritiva dos fenômenos que foram usados por Shaughnessy, Zechmeister e Zechmeister (2012) como sendo uma pesquisa nomotética, muito comum em psicologia. Ou seja, nesta pesquisa se tentará usar abordagens

gerais, leis amplas, que poderão se aplicar a população estudada. Isto quer dizer que serão usadas a linhas gerais do pensamento psicanalítico sobre os elementos e então aplicar aos surdos usuários nativos da língua brasileira de sinais.

Outro método proposto por esses autores na pesquisa em psicologia que foi usado insistentemente no decorrer desta pesquisa tem a ver com o método da associação livre usado em psicanálise, Shaughnessy, Zechmeister e Zechmeister (2012) chamaram de o método de observação naturalística em que o observador não tenta intervir durante a observação feita ao surdo para que ele possa fazer associação livre e usar elementos do inconsciente, então o psicólogo observador toma nota destes para sua pesquisa.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Far-se-á algumas observações sobre como o sujeito surdo se relaciona politicamente, educacionalmente, socialmente e em outros âmbitos com sua língua em um mundo ouvinte. Essas observações são feitas com o olhar da clínica psicanalítica pelo próprio autor do trabalho que é psicólogo e Professor de Libras. Observa-se que tanto os processos de educação, como os de socialização, ou outras áreas da vida são prejudicados pela imposição da cultura ouvinte, isso são problemáticas que a psicologia precisa definitivamente se envolver. A proposta bilíngue busca captar o direito linguístico dos surdos e isso se estende para além da de uma escola. Ora, se o surdo adquire a Língua de Sinais naturalmente, e para o surdo aprender uma língua oral deve ser sistematizado e não acontece de forma natural (QUADROS, 2008), então o surdo tem que ser atendido em qualquer área na Língua de Sinais, senão estaremos ferindo o direito ao desenvolvimento natural. Como garantir esse direito? É o que precisa ser discutido amplamente no desenvolver deste trabalho.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Aqui as observações mostram como os processos de aquisição da linguagem ou de privação desta pode interferir em muitos processos de vida da pessoa surda e ser colocado em forma de sintomas acolhido pela língua brasileira de sinais por piscólogo bilíngua

habilitado. O pesquisador faz essas observações pela necessidade de publicações da psicologia referentes às peculiaridades da surdez, isso se deve a necessidade do pesquisador que faz atendimentos encontrar literaturas referentes aos seus casos clínicos, e que os achados ainda são muito incipientes, perto de uma infinidade de elementos a serem considerados em um atendimento ao surdo, pode-se citar a deficiência, as peculiaridades da surdez como deficiência e como identidade política.

Também a partir de alguns casos clínicos que exigiram este elo entre a psicanálise e a linguística. Por exemplo, quando um Surdo chega com um sintoma analítico e na associação desta angústia, agressividade, choros espontâneos, este faz associação com meios de transporte, fala de sua viagem a um cruzeiro com a família, fala sobre sua intérprete viajar de trem e fala sobre sua viagem de carro com o pai vindo do interior para a cidade para receber atendimento, observa-se que a queixa tem a ver com a separação do objeto de projeção de gozo da linguagem. A família se comunica diariamente com o surdo em sua língua, mas a atividade familiar nunca tem como língua principal a libras, a família fará um cruzeiro, e a intérprete de férias viajará de trem, os meios de transporte são metonímias substitutivas da angústia de castração sofrida quando da separação de sua intérprete a quem tem como modelo de comunicação e sentindo o desconforto de viajar com a família para tão longe da intérprete como quem há transmissão de mesmo código linguístico. Houve um processo de seleção de substitutos em língua de sinais.

Vemos neste caso a predominância da metonímia, mas ao mesmo tempo com a nova significação que esses meios de transporte têm para o sujeito é a metáfora. Mostrando a relação forte que o surdo usuário da Libras tem com a língua e que o processo de oralização pode lhe trazer fortes angústias.

Os sinais da Libras têm sua formação mínima, então o psicanalista fluente precisa sempre observar quando aquele sinal é usado de forma distinta daquela original, pois as questões aspectuais estão relacionadas muitas vezes com a voz do inconsciente, como podemos citar, é quando o sinal de expressar é associado ao sinal de explodir, o sinal é feito com a configuração de mãos e ponto de articulação do sinal de expressar, mas como movimento e ENMs do sinal de explodir, fazendo uma combinação de um sinal sobre o outro. A metáfora está na constituição da oralização e sinalização. O mal-estar que o surdo pode

sentir muitas vezes após uma sessão, pode ser pelo fato de que para ele é pesado demais ter que explodir tanto em sua própria língua, uma culpa inconsciente da opressão oralista, portanto falar e se expressar tão profundamente em Libras pode ser uma quebra de pacto com a família oralizante.

Lacan (1958) na sua teoria se identifica com 2 linguistas retomando conceitos de ambos. Reformula a teoria sobre significantes e significados, e em Jackobson retoma as metáforas e metonímias. Em Freud ele retoma o ato falho, o chiste e o lapso. A questão de Jackobson que propôs as falhas como objeto de investigação da linguística que deu a Lacan a ideia de reformular teorias da linguagem. Problemas e falhas detectadas em usos de metáforas e metonímias e o que tais estavam substituindo e o que estava por trás do sintoma metafórico. E que ambos os autores consideram isso um saber da linguística e não das disciplinas médicas.

Podemos tratar isso linguisticamente falando a partir de duas concepções, que é a combinação: o signo é composto de um arranjo de combinações inclusive neologismos como se encontra na psicose surda. E seleção, ou seja, como o surdo está selecionando unidades lexicais sinalizadas (um signo sinalizado) ou porque aquele signo foi substituído por outro, metonimicamente falando.

Segundo Motta (2010) o teórico que insere esses dois conceitos linguísticos de metáforas e metonímias na psicanálise é o Lacan. Essa autora inicia sua comunicação levando-nos a acreditar que Freud iniciou o uso de metáforas, um exemplo disso foi quando Freud trouxe a questão da castração, por exemplo, se um neurótico considera um símbolo de cumprimento alguém tirar o chapéu na rua e espera insistentemente por isso e se este fato não lhe ocorre ao caminhar pela rua e isso lhe afeta, pode-se dizer que o chapéu é uma extensão da cabeça que nos leva a figura do pênis, isso é um processo metafórico.

A metáfora não ocorre em qualquer arranjo de significantes, para ela ocorrer os significantes precisam estar entrelaçados naquela língua para que eles possam se substituir, estes significantes estão articulados em uma cadeia, por isso cabe-se um estudo, para a LSB, pois a relação que um significante tem com outro é estabelecido culturalmente de língua para língua, por exemplo será que o significante opressão está ligada á língua materna, ou a comunicação, ou a expressão na língua portuguesa assim como está para a Libras?

Por isso o psicanalista que atende em Libras deve ser um estudioso, da língua em todos os seus níveis linguístico, e mais ainda no pragmático, porque o surdo fala diferente, a relação dele com sua língua é ainda mais narcísica. E tudo isso deve ser entendido no desvelar da análise linguística do paciente.

Um surdo com excelente nível linguístico, mas com uma nobre regressão no consultório e só fala durante as sessões fazendo brincadeiras, piadas, rindo do psicanalista. Porque? Quais as redes de significantes em torno da metáfora que ir ao psicólogo é uma chacota? Entender que a língua oral é preponderante sobre a língua de sinais, ajuda-nos a entender que pelo histórico, a língua era uma brincadeira, motivo de chacota para a família, os colegas de escola e outros.

Necessita-se aqui traçar um paralelo de como se desenrola a metáfora paterna na vida dessa criança surda durante o processo de aquisição da linguagem, como o significante do desejo materno morre e como ela constrói o DM2 que é o significante sem significado ainda para ela. Como não há qualquer significado que corresponda diretamente a um significante, visto que é preciso a articulação de uma cadeia significante para ter como resultado um significado, então a investigação psicolinguística de como foi a estruturação linguística dessa criança, associada aos conceitos linguísticos já discorridos, é a parte crucial de um bom atendimento e avaliação de um surdo, seja no contexto clínico ou institucional.

A forma como interpretamos uma metáfora produzida por um surdo com estrutura psicótica é diferente de como interpretamos uma metáfora de um surdo com estrutura neurótica. A metáfora é real para o psicótico, ele é incapaz de ver a significação por trás dela, o delírio já é uma tentativa de cura. Quando o psicótico emite uma metáfora, ele realmente a acredita como sendo o próprio significado e não o significante. O que se conclui é que assim como para os ouvintes a metáfora e metonímia existem para ajudar os surdos a lidarem com suas angústias, e principalmente a angústia de castração em decorrência da aquisição tardia da linguagem e da privação de linguagem a que muitos são submetidos.

Em um dos casos atendidos por Carvalho (2018), o sujeito surdo conta-lhe em detalhes e até lhe desenha um sonho em que suas mãos foram cortadas por um machado e que quando acordou deste sonho apavorado viu que estava apenas sonhando. A pergunta é: estava mesmo sonhando ou alucinando? O medo de ter as mãos cortadas tem a ver com a

castração ou a privação de língua a que foi submetido? Ou será que a castração está embrulhada na mesma história de privação de linguagem? O autor esclarece:

> Como sabemos, a fase do complexo de Édipo e seu encerramento devem ser saudáveis ou então o sujeito corre um sério risco de não entrar no mundo simbólico. A questão é como uma criança que não fala a língua da mãe e o representante do Nome-do-Pai ficou-lhe escuso nesse processo pode entender a metáfora paterna e fazer o recalque primário que segundo Lemaire (1989) é condição essencial para entrada no simbólico. (Carvalho, 2018, p.20)

CONCLUSÃO

Este trabalho, portanto, é só o início de muitas conversas que a psicanálise pode fazer com a comunidade surda, explicando e explicitando ao mundo ouvinte que os sujeitos surdos também se constituem. Observa-se que os Surdos tem um peso, isto é, grandes expectativas projetadas em cima deles. São elas: Que aprendam o português, que saiam bem na escola inclusiva, que consigam compreender os conteúdos escolares e as informações do mundo, que se incluam nos grupos, que entendam a comunicação familiar adotada, mas nós enquanto sociedade damos muito pouco daquilo que exigimos, não damos o suporte educacional com as metodologias corretas, não conhecemos sua cultura e nos apropriamos dela para trazê-los ao grupo, incluindo-os, ensinamos português desrespeitando sua primeira língua, as famílias não aprendem sua língua e acham que saber o básico e oralizá-los é o suficiente, o que isso quer dizer? Responsabilizamos o Surdo por carregar sozinho a inclusão. E isso tem trazido uma série de sintomas observados na clínica psicanalítica, advindos dos mais diversos contextos, inclusive o educacional.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Estelbina Miranda. 2 ed. **Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa**. Assunção: Saf, 2012.

CARVALHO, Klean Alex Fonseca. **O Inconsciente estruturado como Linguagem no Sujeito Surdo psicótico**. Orientador: Danilo Halabbe. 2017. 42 f. Tcc (Bacharelado em psicologia) - Aluno, Universidade ceuma, 2018.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis: Vozes, 2006.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: Lingüística e comunicação. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [19?].

LACAN, J. (1953). **Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MOTTA, Vera. **Sintoma: Metáfora e Metonímia**. comunicação apresentada ao II Seminário do Campo Psicanalítico – Salvador, p. 1-19, 19 maio 2010. Disponível em: http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1183/sintoma-metafora-metonimia.pdf. Acesso em: 1 nov. 2019.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos – Aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SHAUGHNESSY, John J.; ZECHMEISTER, Eugene B.; ZECHMEISTER, Jeanne S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. AMGH Editora, 2012.